

Inflação acelera e chega a 12% nos últimos 12 meses

MOVIDA A ALIMENTOS E GASOLINA

INFLAÇÃO ALTA E DISSEMINADA

IPCA-15 chega a 12% em 12 meses, e quase 80% dos produtos subiram

CAROLINA NALIN
carolina.nalin@oglobo.com.br

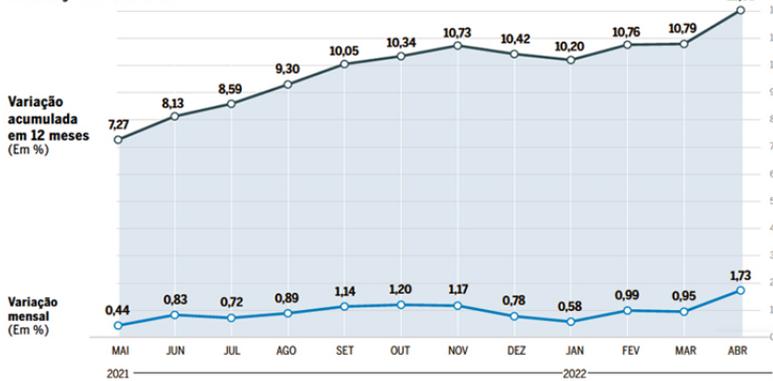
Puxado pelos preços de alimentos e combustíveis, o IPCA-15 de abril, prévia da inflação oficial, acelerou para 1,73%, a maior taxa para o mês desde 1995 e a mais alta desde fevereiro de 2003. Em 12 meses, o índice já acumula alta de 12,03%, o maior patamar desde novembro de 2003. Embora o resultado tenha vindo um pouco abaixo do projetado pelos economistas, ele mostra que a inflação está alta e disseminada.

Em abril, oito dos nove grupos pesquisados pelo IBGE registraram aumento de preços. O índice de difusão — que mede a proporção de itens que subiram no período — chegou a 78,7%. A prévia da inflação de abril levou o Credit Suisse a revisar sua projeção para o IPCA no ano de 7,8% para 8,3%, considerando a escalada de combustíveis, alimentos e produtos industriais.

DE OLHO NO DÓLAR

O JPMorgan, por sua vez, revisou sua estimativa de 7,6% para 8%. A instituição cita maiores pressões sobre os preços de bens industriais, maior repasse do aumento do preço dos medicamentos e tarifas de energia mais altas. Os números indicam uma inflação cada vez mais longe do centro da meta deste ano, de 3,5%.

EVOLUÇÃO DO ÍNDICE



As maiores altas no mês

- Gasolina: 7,51%
- Gás de cozinha: 8,09%
- Tomate: 26,17%
- Leite: 12,21%
- Cenoura: 15,02%

Fonte: IBGE

Projeções subindo

- Credit Suisse subiu a previsão de IPCA deste ano de 7,8% para 8,3%
- JP Morgan elevou a estimativa de 7,6% para 8%

Editoria de Arte

A escalada dos preços no dia a dia também aumenta o desafio para o Banco Central (BC). Com a taxa básica Selic hoje em 11,75% ao ano, o mercado tem revisto gradativamente a dose de alta de juros necessária para corrigir a trajetória das expectativas de inflação. Na última pesquisa Focus do BC com analistas, a média das previsões já apontava a Selic 13,25% ao ano ao

fim de 2022. Não há qualquer sinal de alívio ou desaceleração na inflação, e há ainda riscos que podem desencadear novas altas de preços ao consumidor nos próximos meses, afirma Júlia Passabom, economista do Itaú Unibanco: — Estamos de olho no dólar, com o real médio um pouco mais alto no ano, o que tem impacto na inflação. Em commodities agríco-

las, o plantio nas safras nos Estados Unidos começou um pouco atrasado. Petróleo é outro risco com a guerra na Ucrânia, com possibilidade de novas sanções pela Europa. Em energia elétrica, estamos vendo reajustes bem fortes este ano. A alta dos combustíveis pressionou o indicador. A gasolina subiu 7,51% no mês. Também avançaram os preços do óleo diesel

(13,11%), do etanol (6,60%) e do gás veicular (2,28%). Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o preço da gasolina subiu pela segunda semana seguida, ficando em R\$ 7,270, o maior valor desde 2004. O avanço dos preços em uma série de alimentos consumidos no dia a dia também segue pesando no bolso das famílias. A alimentação

no domicílio subiu 3% em abril, puxada pela alta de 26,17% do tomate e de 12,21% do leite longa vida.

No grupo Habitação, pesou a alta do gás de cozinha, que subiu 8,09%. A segunda maior contribuição veio da energia elétrica (avanço de 1,92%), com os reajustes de mais de 15% em concessionárias no Estado do Rio. Os preços do gás encanado também subiram no índice, com alta de 3,31%.

No segmento Vestuário, todos os itens registraram alta, levando os preços do grupo a avançarem 1,97% no mês. A maior contribuição veio das roupas femininas, com alta de 2,70%.

Já no grupo Saúde e cuidados pessoais, o que pesou foi a subida dos remédios, que ficaram 3,37% mais caros, depois da autorização do reajuste de até 10,89% a partir de 1º de abril.

SEM TRÊGUAS

Na avaliação de economistas, o resultado abaixo do esperado não anula a percepção de que a inflação está alta e disseminada, explicada pelo avanço do índice de difusão e dos núcleos — medida que exclui itens mais voláteis — pressionados.

Marco Caruso, economista-chefe do Banco Original, também destaca riscos de alta sobre os alimentos por causa da volatilidade dos preços, dos fatores climáticos desfavoráveis e da guerra.

Ele cita ainda a inércia inflacionária (repassa da inflação do ano anterior), que alimenta incertezas sobre os preços adiante e o risco para os bens industriais, com a quarentena contra Covid-19 na China:

— Você tinha uma tentativa de normalização das cadeias produtivas globais, e o que percebemos foram dois eventos novos (guerra e lockdown na China) que interromperam essa normalização. Os preços industriais devem continuar subindo, o que joga gasolina na discussão sobre falta de produtos e disrupções nas cadeias globais.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 11